

Doce Magnólias

Linda conquista



NETFLIX

UMA SÉRIE
ORIGINAL
NETFLIX

SHERRYL WOODS



NETFLIX

UMA SÉRIE
ORIGINAL
NETFLIX

SHERRYL WOODS

DOCES
MAGNÓLIAS

Linda conquista



HARLEQUIN

SHERRYL WOODS

DOCES
MAGNÓLIAS

Linda conquista

TRADUÇÃO
FLORA PINHEIRO



Rio de Janeiro, 2020



<https://t.me/SBDLivros>

Copyright © 2007 by Sherryl Woods

Título original: *Stealing Home* Todos os personagens neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora HR LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa cedidos pela Harlequin Enterprises II B.V./ S.À.R.L para Editora HR Ltda.

A Harlequin é um selo da HarperCollins Brasil.

Contatos: Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro — 20091-005
Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (21) 3175-1030

Diretora editorial: *Raquel Cozer*

Editor: *Julia Barreto*

Copidesque: *Camila Berto Tescarollo*

Revisão: *Kátia Regina Silva*

Ilustração da capa: *LABFcreations/Creative Market*

Design de capa: *Renata Vidal*

Diagramação: *Abreu's System*

Produção do eBook: *Ranna Studio*

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

W86L

Woods, Sherryl

Linda conquista / Sherryl Woods; tradução Flora Pinheiro. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Harlequin, 2020.
384 p. (Doces magnólias; 1)

Tradução de: Stealing home
ISBN 9786586012729

1. Romance americano. I. Pinheiro, Flora. II. Título. III. Série.

20-64567

CDD: 813
CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

SUMARIO



Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Catorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesesseis
Capítulo Dezesete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e um

Capítulo Vinte e dois

Capítulo Vinte e três

Capítulo Vinte e quatro

Sobre a autora

Querida leitora, Estou muito feliz que você possa ter com você o primeiro volume da série Doces Magnólias. Quando tive a ideia de uma série sobre três grandes amigas que haviam se apoiado nos bons e maus momentos, não fazia ideia de quantas mulheres acabariam se juntando a esse trio original ao longo dos anos nem de como as leitoras adorariam esses laços e a comunidade de Serenity, na Carolina do Sul.

Acredito que nós, mulheres, sabemos que, além da família, nossas amigas são as pessoas mais importantes de nossa vida. E as amizades que resistiram ao tempo, com mulheres que conhecem nossa história, nossos erros, nossos segredos constrangedores e nos amam mesmo assim, são os laços mais fortes que existem. As amigas estão lá para levantar nosso ânimo, seja por um dia ruim ou uma crise catastrófica. Elas nos fazem rir, comemoram e choram conosco e nos fazem lembrar que mesmo nos piores dias a vida ainda vale a pena.

Se você está conhecendo Maddie, Dana Sue e Helen, espero que goste delas. Se sua amizade com elas já é de longa data, espero que esta releitura traga alguns sorrisos. Acima de tudo, espero que tenha amigas calorosas e maravilhosas em sua vida e que aproveite cada minuto com elas.

Tudo de bom,

A handwritten signature in cursive script that reads "Sheryl Woods". The signature is written in black ink and is positioned at the bottom of the page.

CAPÍTULO UM



Maddie se concentrou na vasta extensão de mogno entre ela e o homem que já era seu marido havia vinte anos. Metade da vida dela. Ela e William Henry Townsend começaram a namorar no ensino médio em Serenity, na Carolina do Sul. Eles se casaram antes do último ano da faculdade, não porque ela estava grávida, como algumas de suas amigas que se casaram às pressas, mas porque não queriam esperar mais um segundo para começar a vida a dois.

Os anos depois da formatura foram muito cansativos para Bill, que ainda estava na faculdade de medicina, enquanto ela trabalhava como contadora, sem fazer jus ao seu diploma em negócios, só para conseguirem pagar as contas no fim do mês. E então seus três filhos nasceram, sendo recebidos com muita alegria. Tyler, atlético e extrovertido, agora com 16 anos; Kyle, de 14 anos, o piadista da família; e Katie, uma surpresa abençoada, com 6 anos.

Eles levavam uma vida perfeita em uma casa histórica no bairro mais antigo de Serenity, cercados por parentes e amigos de longa data. Aquela paixão avassaladora do início havia esfriado um pouco, mas ainda eram felizes juntos.

Ao menos era o que Maddie pensava, até o dia, alguns meses antes, em que Bill a olhou depois do jantar, com a expressão tão distante quanto a de um estranho, e explicou com toda a calma que ia sair de casa e seguir sua vida... com uma enfermeira de 24 anos, que já estava grávida. Segundo ele, era uma daquelas coisas que aconteciam. Ele não tinha planejado deixar de amar Maddie, muito menos amar outra pessoa.

A primeira reação de Maddie não foi de choque ou consternação. Na verdade, ela começou a rir, certa de que seu Bill, um homem inteligente e humano, seria incapaz de um clichê tão patético. Somente quando aquela expressão distante não desapareceu ela percebeu que o marido estava falando sério. Justo quando a vida estava começando a entrar em um ritmo confortável, o homem que ela amava com todo o coração a trocara por alguém bem mais jovem.

Em um torpor incrédulo, ficara sentada ao lado do marido enquanto ele explicava aos filhos o que estava fazendo e por quê. Bill omitiu a parte sobre terem um novo meio-irmão ou irmã a caminho. Depois, ainda atordoada, Maddie ficara olhando enquanto ele pegava suas coisas para ir embora.

E, depois que o marido saíra de casa, foi ela quem teve que lidar com a raiva de Tyler, o gradual mergulho de Kyle em um silêncio até então pouco característico e os soluços

desconsolados de Katie, tudo isso enquanto se sentia fria e vazia por dentro.

Também sobrara para ela lidar com o choque dos filhos quando eles descobriram sobre o bebê a caminho. Teve que disfarçar o ressentimento e a raiva, tudo em nome de ser uma boa mãe, madura e calma. Havia dias em que ela queria xingar o dr. Phil e todos aqueles episódios sensatos de seu programa em que ele aconselhava que os pais pensassem primeiro nas necessidades dos filhos. Afinal, quando as necessidades dela seriam finalmente levadas em conta?

O dia em que ela precisaria criar os filhos sozinha estava chegando mais rápido do que ela previra. Só faltava acertar os detalhes do divórcio no papel, registrando oficialmente o fim de um casamento de vinte anos. Nos documentos, não havia menção aos sonhos que não seriam realizados. Também não tinha nada sobre o sofrimento dos que ficaram para trás. Os papéis se resumiam a decidir quem moraria onde, quem ficaria com qual carro, o valor da pensão alimentícia dos filhos — e também da pensão temporária, até que ela tivesse condições de se sustentar ou até que se casasse de novo.

Maddie assistiu à luta exaltada de sua advogada contra o caráter temporário da segunda pensão. Helen Decatur, que conhecia Maddie e Bill havia muitos anos, era uma advogada de altíssimo nível, famosa no estado inteiro. Era também uma das melhores amigas de Maddie. E, quando Maddie estava cansada e triste demais para lutar por si mesma, Helen assumia as rédeas da situação. Loira e sempre vestida de terninho, Helen era uma advogada implacável, e Maddie nunca se sentiu tão grata a alguém.

— Essa mulher o sustentou enquanto você estudava medicina — disse Helen, completamente à vontade em seu ataque a Bill. — Ela desistiu de uma carreira promissora para criar seus filhos, cuidar de sua casa, ajudar a gerenciar seu consultório e apoiar sua ascensão entre os médicos da Carolina do Sul. Sua reputação profissional só se estende além de Serenity porque Maddie trabalhou duro para que isso acontecesse. E agora você quer que ela sofra tentando voltar para o mercado trabalho? Você realmente acha que em cinco ou mesmo dez anos ela poderá dar a seus filhos o padrão de vida ao qual eles estão acostumados? — Ela lançou para Bill um olhar que teria murchado qualquer outra pessoa. Ele parecia completamente desinteressado em Maddie ou no futuro dela.

Foi quando Maddie soube que tudo tinha acabado de vez. Todo o resto, a revelação casual de que ele a estava traindo, a saída de casa... nada disso a convencera de que era mesmo o fim de seu casamento. Até que ela viu a expressão indiferente nos olhos castanhos outrora calorosos do marido e finalmente aceitou que Bill não recobriria o juízo e lhe diria que tudo não havia passado de um erro terrível.

Até aquele instante, ela vinha vivendo soterrada por negação e mágoa. Mas isso acabava ali. A raiva, mais poderosa do que qualquer coisa que ela já sentira na vida, preencheu-a com uma força que a fez se levantar.

— Espere — interrompeu ela, com a voz tremendo de indignação. — Gostaria de dizer uma coisa.

Helen a olhou com surpresa, mas a expressão atordoada de Bill lhe deu coragem para continuar. Ele não tinha esperado que Maddie revidasse. Ela podia ver agora que todos os anos em que se esforçou para agradá-lo, colocando-o em primeiro lugar, o convenceram de que ela não passava de uma mosca-morta, que aceitaria com toda a tranquilidade que ele abandonasse a família — e ela — sem olhar para trás. Bill devia ter ficado todo prosa no momento em que ela sugeriu tentar um acordo em vez de permitir que algum juiz determinasse os termos do divórcio.

— Você conseguiu reduzir vinte anos de nossas vidas a isso — disse ela, acenando para a papelada. — E para quê?

Ela sabia a resposta, é claro. Como tantos outros homens de meia-idade, ele tinha se encantado por uma mulher com quase metade de sua idade.

— O que vai acontecer quando você se cansar de Noreen? — perguntou ela. — Você vai trocá-la por outra também?

— Maddie — disse ele, tenso. Bill puxou as mangas de sua camisa com monograma, mexendo nas abotoaduras de ouro de dezoito quilates que ela lhe dera no aniversário de vinte anos de casamento, seis meses atrás. — Você não sabe nada sobre o meu relacionamento com Noreen.

Ela conseguiu sorrir.

— Claro que sei. É sobre um homem de meia-idade tentando se sentir jovem de novo. Você é patético. — Mais calma agora que finalmente havia expressado seus sentimentos, ela se virou para Helen. — Não quero mais ficar aqui sentada. Peça o que achar justo e não ceda. Quem está com pressa é ele.

De costas retas e queixo erguido, Maddie saiu do escritório de advocacia e foi recomeçar sua vida.

Uma hora depois, Maddie havia trocado o terninho de tricô e o salto alto por uma regata, shorts e tênis velhos. Sem prestar atenção no calor do início da manhã, caminhou um quilômetro e meio até a odiosa academia que frequentava, onde o cheiro de suor permeava o ar. Localizada em uma perpendicular à rua principal da cidade, a academia já tinha sido uma loja de conveniência decadente. O chão de linóleo amarelado era característico daquela época, e as paredes sujas não tinham visto uma mão de tinta desde que Dexter comprara o local, na década de 1970.

Como a caminhada até o centro da cidade não fora suficiente para acalmá-la, Maddie se obrigou a subir na esteira, selecionou a configuração mais desafiadora que já experimentara e começou a correr. Ela correu até as pernas doerem, até o suor encharcar o cabelo com mechas impecáveis na altura do queixo e escorrer nos olhos, misturando-se às lágrimas que, irritantemente, insistiam em brotar.

De repente, uma mão com unhas cuidadosamente feitas surgiu na frente dela, diminuiu a velocidade da esteira e depois a desligou.

— A gente bem que achou que encontraria você aqui — disse Helen, ainda em seu terninho e salto Jimmy Choo. Ela devia ser uma das únicas mulheres em Serenity a ter um par de sapatos daquele naipe.

Ao lado dela, Dana Sue Sullivan vestia uma calça confortável, uma camiseta branquíssima e tênis. Ela era a chef e a dona do restaurante mais chique de Serenity — ou seja, o lugar tinha toalhas de mesa e guardanapos e um menu que ia além do bagre frito e couve. A Nova Cozinha Sulista de Sullivan, como anunciava a placa verde-escura e dourada na frente, era um restaurante muito mais sofisticado do que as lanchonetes nos arredores da cidade, que se limitavam a escrever BOA COMIDA nas janelas e cobriam as mesas de fórmica com jogo americano de papel.

Maddie desceu da esteira, com as pernas bambas, e enxugou o rosto com a toalha que Helen lhe entregou.

— Por que vocês estão aqui?

Ambas as mulheres reviraram os olhos.

— O que você acha? — perguntou Dana Sue em seu sotaque arrastado. O cabelo castanho e grosso estava puxado para trás com uma presilha, mas a umidade já fizera alguns cachos se libertarem. — Viemos ver se você quer alguma ajuda para matar aquele verme nojento que abandonou você.

— Ou aquela sirigaita com quem ele planeja se casar — acrescentou Helen. — Embora eu tenha minhas dúvidas sobre recomendar um assassinato, já que sou advogada e tudo mais.

Dana Sue a cutucou.

— Não vem com essa agora. Você disse que faríamos *qualquer coisa* que ajudasse Maddie a se sentir melhor.

Maddie conseguiu até abrir um leve sorriso.

— Felizmente para as duas, minhas fantasias de vingança não envolvem matar ninguém.

— Ah, é? Envolvem o quê? — perguntou Dana Sue, parecendo fascinada. — Porque, depois que botei Ronnie para fora de casa, eu queria mesmo era vê-lo atropelado por um trem.

— A morte é rápida demais — disse Maddie. — Além disso, tenho que pensar nas crianças. Por mais que seja um traste, Bill ainda é o pai deles. Tenho que me lembrar disso toda hora só para manter a raiva sob controle.

— Felizmente, Annie ficou com tanta raiva do pai quanto eu — disse Dana Sue. — Acho que esse é o lado bom de ter uma filha adolescente. Ela percebeu sozinha as palhaçadas dele. Acho que ela sabia o que estava acontecendo antes mesmo de mim. Ela foi para a porta e aplaudiu quando o botei para fora.

— Muito bem, vocês duas — interrompeu Helen —, por mais divertido que seja ver vocês trocando figurinhas, podemos conversar em outro lugar? Minha roupa vai ficar fedendo se não sairmos daqui logo.

— Vocês duas não precisam trabalhar? — perguntou Maddie.

— Tirei a tarde de folga — informou Helen. — Caso você quisesse sair para beber ou fazer alguma coisa.

— E eu só preciso estar de volta ao restaurante daqui a duas horas — disse Dana Sue, analisando Maddie com um olhar pensativo. — Será que dá para encher a cara em duas horas?

— Como não há nenhum bar aberto em Serenity a essa hora, acho que podemos esquecer essa história de ficar bêbadas — observou Maddie. — Embora eu aprecie o entusiasmo, acho que é melhor assim.

— Tenho as coisas para preparar margaritas lá em casa — ofereceu Helen.

— E nós sabemos como eu fico louca com margaritas — disse Maddie, estremeando ao se lembrar da noite alguns meses antes quando ela contou às amigas que Bill pretendia deixá-la. — Acho melhor ficar na Coca Zero mesmo. Tenho que buscar as crianças na escola.

— Não tem, não — disse Dana Sue. — Sua mãe vai buscar as crianças.

Maddie ficou boquiaberta. Sua mãe dissera a seguinte frase quando Tyler nascera, e vinha repetindo desde então: “Não vou ser sua babá”. Ela havia sido firme naquela época e jamais voltara atrás nos últimos dezesseis anos.

— Como você conseguiu essa proeza? — perguntou ela, deixando escapar sua admiração.

— Expliquei a situação — respondeu Dana Sue, dando de ombros. — Sua mãe é uma mulher muito razoável. Não sei por que vocês duas têm tantos problemas.

Maddie poderia ter explicado, mas levaria o resto da tarde. Muito provavelmente o resto da semana. Além disso, Dana Sue já ouvira boa parte da história umas mil vezes.

— Então nós vamos para a minha casa? — perguntou Helen.

— Sim, mas não para tomar margaritas — disse Maddie. — Da última vez, levei quase dois dias para me recuperar. Preciso começar a procurar um emprego amanhã.

— Não, não precisa — retrucou Helen.

— Ah, é? Você finalmente conseguiu arrancar dinheiro do Bill?

— Não só isso — disse Helen com um sorriso presunçoso.

Maddie analisou as amigas com toda a atenção. Elas estavam tramando algo. Apostaria seu primeiro cheque da pensão nisso.

— Então me conte — ordenou ela.

— A gente fala sobre isso quando chegarmos lá em casa — disse Helen.

Maddie se virou para Dana Sue.

— Você sabe o que está acontecendo?

— Tenho uma vaga ideia — respondeu Dana Sue, mal contendo um sorriso.

— Vocês duas estão tramando alguma coisa — concluiu Maddie, sem saber como se sentia a respeito disso.

Ela amava as duas mulheres como se fossem suas irmãs, mas, toda vez que tinham alguma ideia maluca, uma delas invariavelmente arranjava problemas. Era assim desde que tinham 6 anos. Maddie não tinha dúvidas de que fora por isso que Helen se tornara advogada, porque sabia que as três acabariam precisando de uma boa defesa algum dia.

— Me deem uma dica — implorou ela. — Quero decidir se é melhor eu sair correndo.

— Nada de dicas — disse Helen. — Você precisa estar em um estado de espírito mais receptivo.

— Não tem Coca-Cola suficiente no mundo para isso — respondeu Maddie.

Helen sorriu.

— Por isso as margaritas.

— Fiz um guacamole incrível — acrescentou Dana Sue. — E comprei um saco grande daqueles salgadinhos que você gosta, embora uma hora ou outra esse sal todo vá acabar matando você.

Maddie olhou de uma para a outra e suspirou.

— Com vocês duas tramando pelas minhas costas, algo me diz que não tenho escapatória.

A margarita estava forte o suficiente para Maddie fazer careta. Na casa de Helen, construída exatamente do jeito que ela queria, na única região sofisticada de Serenity, cada uma das amigas se acomodava em uma confortável *chaise longue* disposta no pátio com piso de tijolos. Embora fosse apenas março, a umidade da Carolina do Sul estava bem carregada, mas a brisa suave que agitava os pinheiros imponentes era suficiente para impedir que fosse incômoda demais.

Maddie ficou tentada a mergulhar na piscina azul-turquesa de Helen, mas, em vez disso, inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos. Pela primeira vez em meses, sentiu suas preocupações desaparecerem. Além da própria raiva, não estava tentando esconder nada dos filhos — nem sua tristeza, nem seus medos, embora fizesse um esforço para manter tudo sob controle. Com Helen e Dana Sue, podia ser apenas ela mesma, uma mulher muito magoada, cheia de incertezas, prestes a se divorciar.

— Você acha que ela está pronta para ouvir a nossa ideia? — murmurou Dana Sue ao lado de Maddie.

— Ainda não — respondeu Helen. — Ela precisa terminar o drinque.

— Estou ouvindo vocês — avisou Maddie. — Ainda não estou dormindo nem inconsciente.

— Por isso mesmo é melhor a gente esperar — disse Dana Sue em tom alegre. — Aceita mais guacamole?

— Não, mas você bem que se superou — disse Maddie. — Fiquei com lágrimas nos olhos.

Dana Sue pareceu surpresa.

— Ficou muito apimentado? Pensei que talvez você só estivesse chorando um pouquinho.

— Não sou de chorar — respondeu Maddie.

— Você acha que a gente não viu que você estava chorando lá na academia? — perguntou Helen.

— Eu tinha esperanças de que vocês fossem achar que era suor.

— Tenho certeza de que foi isso que ficou parecendo para todo mundo, mas nós percebemos — disse Dana Sue. — Devo dizer que fiquei muito decepcionada por você ter derramado uma lágrima sequer por aquele homem.

— Eu também — concordou Maddie.

Dana Sue a olhou com severidade, depois se virou para Helen.

— Nós podemos contar. Acho que ela não vai ficar mais calma do que isso.

— Tudo bem — disse Helen. — Vamos lá. Do que nós três reclamamos há uns vinte anos?

— Homens — respondeu Maddie, secamente.

— Além disso — disse Helen, impaciente.

— Da umidade da Carolina do Sul?

Helen suspirou.

— Você pode falar sério por um minuto? Da academia. Nós reclamamos daquela academia horrível a vida toda.

Maddie a olhou, perplexa.

— E não adiantou nada, não é? Da última vez que reclamamos do estado da academia, Dexter contratou Junior Stevens para fazer a limpeza... uma vez. O lugar ficou com cheiro de produto de limpeza por uma semana e foi isso.

— Exatamente. É por isso que Dana Sue e eu tivemos uma ideia — disse Helen, depois de uma pausa dramática. — Queremos abrir uma nova academia, limpa e acolhedora, voltada para mulheres.

— Queremos que seja um lugar onde as mulheres possam entrar em forma, ser mimadas e tomar uma vitamina com as amigas depois do treino — acrescentou Dana Sue. — Talvez até fazer um tratamento de beleza ou uma massagem.

— E você quer fazer isso em Serenity, com uma população de cinco mil setecentos e catorze pessoas? — perguntou Maddie, sem nem ao menos tentar esconder o ceticismo.

— Quinze — corrigiu Dana Sue. — A filhinha de Daisy Mitchell nasceu ontem. Inclusive, acho que Daisy seria a candidata perfeita para uma de nossas aulas pós-gravidez.

Maddie estudou Helen com mais atenção.

— Você está falando sério, não é?

— Mais sério impossível — confirmou ela. — O que acha?

— Talvez até desse certo — respondeu Maddie, pensativa. — Não é segredo nenhum que aquela academia é nojenta. Não me admira que metade das mulheres de Serenity se recuse a malhar. Claro que metade não consegue nem levantar do sofá de tanto frango frito que comeu.

— É por isso que também vamos oferecer aulas de culinária — disse Dana Sue, animada.

— Deixe-me adivinhar. “Nova Cozinha Sulista” — emendou Maddie.

— A culinária do Sul não se resume a feijão cheio de manteiga ou vagem na banha — disse Dana Sue. — Eu não te ensinei nada?

— Ensinou, com certeza — respondeu Maddie. — Mas a população de Serenity ainda sai em busca de purê de batatas e frango frito.

— Eu também — disse Dana Sue. — Mas frango no forno não é tão ruim se você fizer direito.

— Estamos perdendo o foco da discussão — interrompeu Helen. — Há uma casa disponível na Rua Palmetto que seria perfeita para o que pensamos. Acho que devemos dar uma olhada pela manhã. Dana Sue e eu nos apaixonamos na hora, Maddie, mas queremos sua opinião.

— Por quê? Não é como se eu tivesse algo para comparar. Além disso, nem sei bem qual é a visão de vocês exatamente.

— Você sabe como tornar um lugar aconchegante e convidativo, não? — disse Helen. — Afinal, você pegou o mausoléu que era a casa da família Townsend e deixou o lugar acolhedor.

— Isso — disse Dana Sue. — E você entende de negócios depois de tantos anos ajudando Bill a fazer o consultório funcionar.

— Eu montei alguns sistemas para ele há quase vinte anos — disse Maddie, sendo modesta sobre sua contribuição para organizar o consultório. — Estou longe de ser uma especialista. Se quiserem mesmo levar isso adiante, precisam contratar um consultor, elaborar um plano de negócios, fazer projeções de custos. Vocês não podem fazer algo assim do nada só porque a academia de Dexter cheira mal.

— Na verdade, *nós* podemos — insistiu Helen. — Tenho dinheiro suficiente para bancar a entrada na compra da casa, mais as despesas iniciais com equipamentos e os custos operacionais do primeiro ano. Vamos ser sinceras, vai ser bom ter um desconto nos impostos, embora eu ache que não dará prejuízo por muito tempo.

— E eu vou investir algum dinheiro, mas principalmente meu tempo e minha experiência em culinária e nutrição para criar um pequeno café e oferecer algumas aulas — acrescentou Dana Sue.

As duas olharam para Maddie com expectativa.

— O quê? Eu não tenho experiência e com certeza não tenho dinheiro para investir em algo tão incerto.

Helen sorriu.

— Você tem um pouco mais do que imagina, graças a sua maravilhosa advogada, mas não estamos atrás do seu dinheiro. Queremos que você administre.

Maddie as encarou, incrédula.

— Eu? Eu odeio me exercitar. Só vou à academia porque sei que preciso. — Ela gesticulou para a celulite que se espalhava sem piedade nas coxas. — E a gente já viu quanto está adiantando...

— Então você é perfeita para o cargo, porque vai trabalhar duro para fazer da academia um lugar onde mulheres como você tenham vontade de ir — argumentou Helen.

Maddie sacudiu a cabeça.

— Esqueçam. Não acho uma boa ideia.

— Por que não? — perguntou Dana. — Você precisa trabalhar. Nós precisamos de uma gerente. É perfeito.

— Está até parecendo que vocês bolaram esse plano só para eu não morrer de fome — disse Maddie.

— Eu já disse que você não vai morrer de fome — bufou Helen. — E você ficou com a casa, que já está quitada há um tempão. Bill foi muito razoável depois que expus alguns fatos para ele.

Maddie estudou o rosto da amiga. Eram poucas as pessoas que tentavam explicar alguma coisa a Bill, pois ele estava convencido de que já sabia tudo. Um diploma de medicina tinha esse efeito em alguns homens. E, quando o diploma não era o suficiente, enfermeiras apaixonadas como Noreen davam conta do recado.

— Que fatos? — perguntou Maddie.

— Por exemplo, o fato de que ele está para ser pai do filho da enfermeira que trabalha com ele pode prejudicar o movimento de um consultório em uma cidade conservadora e tão preocupada com a família como Serenity — disse Helen, sem o menor indício de remorso. — As pessoas podem pensar duas vezes antes de levarem seus filhos a um pediatra que demonstrou uma completa falta de escrúpulos.

— Você o chantageou? — Maddie não sabia se estava chocada ou impressionada.

Helen deu de ombros.

— Prefiro pensar nisso como uma aulinha de relações públicas. Até agora, as pessoas na cidade não tomaram partido de ninguém, mas isso pode mudar em um piscar de olhos.

— Estou surpresa que o advogado dele tenha deixado você fazer isso — comentou Maddie.

— É porque você não sabe tudo o que sua advogada brilhante sabia ao entrar naquela sala — disse Helen.

— Como o quê?

— A enfermeira de Bill tinha uma *história* com o advogado dele. Tom Patterson tinha seus próprios motivos para querer ver Bill na merda.

— Isso não é antiético? — perguntou Maddie. — Ele não deveria ter se recusado a aceitar o caso de Bill ou algo assim?

— Ele se recusou, mas Bill insistiu. Tom falou sobre seu passado com Noreen, mas Bill continuou insistindo. Ele achou que a história de Tom com Noreen o faria entender melhor sua pressa em construir logo uma vida com ela. O que prova que, quando se trata da natureza humana, seu futuro ex-marido não sabe nada.

— E você se aproveitou de todas essas burradas para conseguir que Maddie ganhasse o dinheiro que ela merecia — disse Dana Sue com admiração.

— Isso mesmo. — Helen estava satisfeita. — Se tivéssemos que recorrer a um juiz, o desfecho podia ter sido diferente, mas Bill queria fechar um acordo quanto antes para poder ser um pai de verdade para seu novo bebê *antes* de oficializar na certidão de nascimento. Como você bem o lembrou antes de ir embora, Maddie, ele é que está com pressa.

Helen encarou Maddie.

— Não é uma fortuna, claro, mas você não precisa se preocupar com dinheiro por enquanto.

— Ainda acho que deveria procurar um emprego de verdade — desabafou Maddie. — Seja lá qual for a quantia que você conseguiu, não vai durar para sempre, e provavelmente não terei muito poder aquisitivo, pelo menos não de início.

— É por isso que você deveria aceitar nossa oferta — disse Dana Sue. — Este centro de bem-estar pode ser uma mina de ouro. Você vai ser sócia, igual a nós. É isso que você recebe em troca da administração no dia a dia. O lucro como uma das sócias.

— Não sei o que vocês duas ganham com isso — disse Maddie. — Helen, você está sempre lá por Charleston. Há algumas academias excelentes por lá, se você não quiser ir à de Dexter. E, Dana Sue, você pode oferecer aulas de culinária no próprio restaurante. Você não precisa de um spa para isso.

— Estamos tentando pensar na comunidade — explicou Dana Sue. — Esta cidade precisa de alguém para investir nela.

— Não estou engolindo essa história — murmurou Maddie. — Isso é tudo por minha causa. Vocês duas estão com pena de mim.

— Não estamos — disse Helen. — Você vai ficar bem.

— Então tem alguma outra coisa, algo que vocês não estão me contando — insistiu Maddie. — Vocês não acordaram um belo dia e decidiram abrir um centro de bem-estar, nem mesmo por causa dos impostos.

Helen hesitou, depois confessou:

— Certo, vou contar a verdade. Preciso de um lugar para me exercitar e aliviar o estresse do meu trabalho. Meu médico me deu uma bronca por causa da minha pressão arterial. Eu me recuso veementemente a começar a tomar um monte de remédios na minha idade, então disse a ele que me daria três meses para ver se uma mudança na dieta e exercícios ajudaria. Estou tentando diminuir a quantidade de casos em Charleston por um tempo, por isso preciso de um spa aqui mesmo em Serenity.

Maddie olhou para a amiga, preocupada. Se Helen estava diminuindo a carga de trabalho, então o médico devia ter sido bem contundente quanto os riscos a sua saúde.

— Se sua pressão arterial está alta, por que você não falou logo de cara? Não que eu esteja surpresa, já que você é obcecada com o trabalho.

— Eu não disse nada porque você já tem problemas o suficiente — respondeu Helen. — E pretendo cuidar disso.

— Abrindo sua própria academia. Será que entrar num novo negócio não vai aumentar o estresse?

— Não se *you* estiver administrando. Além disso, acho que vai ser divertido estarmos nós três juntas cuidando de tudo.

Maddie não estava totalmente convencida de que seria divertido, mas se virou para Dana Sue.

— E você? Qual é a sua desculpa para querer abrir um novo negócio? O restaurante não é suficiente?

— Estou ganhando dinheiro suficiente, sem dúvida — disse Dana Sue. — Mas estou sempre cercada por comida. Engordei alguns quilos. Você conhece o histórico da minha família. Quase todo mundo tinha diabetes, então preciso controlar meu peso. Duvido que eu pare de comer, então preciso me exercitar.

— Viu só? Nós duas temos nossas próprias razões para querer fazer isso acontecer — disse Helen. — Vamos lá, Maddie. Pelo menos dê uma olhada na casa amanhã. Você não precisa decidir hoje à noite, nem mesmo amanhã. Você terá tempo suficiente para refletir sobre isso com esse seu cérebro cauteloso.

— Eu *não* sou cautelosa — protestou Maddie, ofendida.

Dentre as amigas, ela já fora a que mais se arriscava. Antigamente, bastava a promessa de diversão e desafio. Tinha mesmo mudado tanto? A julgar pelas expressões das amigas, sim.

— Ah, me poupe, você pesa os prós e contras e as calorias antes de pedir um prato no restaurante — disse Dana Sue. — Mas nós amamos você mesmo assim.

— É por isso que não faríamos isso sem você — reforçou Helen. — Mesmo que isso realmente ponha nossa saúde em risco.

Maddie olhou de uma para a outra.

— Não estou sob pressão nenhuma, pelo visto — retrucou ela secamente.

— Nenhuma — repetiu Helen. — Eu tenho uma carreira. E o médico diz que existem vários remédios para controlar a pressão hoje em dia.

— E eu tenho meu próprio negócio — acrescentou Dana Sue. — Quanto ao meu peso, podemos sair para caminhar algumas vezes por semana. — Ela deu um suspiro dramático.

— Apesar de vocês insistirem que não é o caso, ainda não estou cem por cento convencida de que não é caridade — repetiu Maddie. — O momento é muito suspeito.

— Seria só caridade se não esperássemos que você trabalhasse duro para fazer do negócio um sucesso — disse Helen. — E aí, vai entrar nessa com a gente?

Maddie pensou um pouco e finalmente cedeu.

— Vou olhar o lugar. Mas não posso prometer mais nada.

Helen olhou para Dana Sue.

— Se tivéssemos esperado ela tomar a segunda margarita, ela teria topado — disse Helen, fingindo decepção.

Maddie riu.

— Mas se eu tivesse tomado a segunda, vocês não poderiam levar a sério nada do que eu dissesse.

— Ela tem razão — concordou Dana Sue. — Vamos ficar felizes por termos um talvez.

— Eu já disse como fico feliz por vocês serem minhas amigas? — Maddie sentiu seus olhos se encherem de lágrimas mais uma vez.

— Ih, vai começar de novo — brincou Dana Sue, levantando-se. — Preciso ir trabalhar antes de começarmos a chorar.

— Eu nunca choro — declarou Helen.

Dana Sue gemeu.

— Nem começa. Maddie vai se sentir obrigada a desafiar você e logo a cidade será inundada pelas suas lágrimas. As duas vão estar com a cara toda inchada quando nos encontrarmos pela manhã. Maddie, você quer uma carona até sua casa?

Ela negou com a cabeça.

— Vou a pé. Assim vou ter um tempo para pensar.

— E ficar sóbria de novo antes de encontrar sua mãe — provocou Helen.

— Isso também — concordou Maddie.

Acima de tudo, porém, queria um tempo para digerir o fato de que, em um dos piores dias de sua vida, ela estava cercada por amigas que lhe deram esperança de que seu futuro não seria tão sombrio quanto havia imaginado.

CAPÍTULO DOIS



Era quase de noite quando Maddie atravessou o portão de ferro daquela construção imponente que era a casa dos Townsend havia cinco gerações. Segundo Helen, Bill concordara — apesar da relutância — em deixá-la ficar lá com as crianças, já que a casa um dia pertenceria a Tyler. Ao olhar a enorme fachada de tijolos, Maddie quase se arrependeu de ter ganhado aquele ponto do acordo. Teria ficado mais feliz com um lugar aconchegante com uma cerca branca e algumas rosas no jardim. Só os gastos para manter a casa poderiam levá-la à falência, mas Helen garantiu que também cuidara disso no acordo.

Ao abrir a porta da frente, preparou-se mentalmente para enfrentar a mãe. Mas, quando entrou na sala de estar nos fundos da casa, encontrou Bill sentado no sofá com Katie cochilando em seus braços e os meninos estirados diante da TV, absortos em um programa que ela tinha certeza de que jamais permitira que eles assistissem. Ficou tensa ao ver que se tratava de alguma competição de luta violenta.

Uma coisa de cada vez, disse para si mesma. Livrar-se do futuro ex era sua primeira prioridade.

Antes de abrir a boca, porém, Maddie se permitiu examiná-lo com atenção, algo que não ousara fazer antes. O cabelo loiro ainda era grosso, mas havia alguns fios grisalhos que ela nunca notara antes, e uma palidez incomum lhe saltava da pele. As linhas de expressão, que uma vez conferiram personalidade as suas belas feições, agora o faziam parecer cansado. Se ainda fosse de sua conta, ela ficaria preocupada com ele.

Ela se lembrou de quão furiosa estivera algumas horas antes.

— O que você está fazendo aqui? — exigiu saber, recuperando a raiva. — Cadê a minha mãe?

Os meninos, acostumados ao seu tom neutro e comentários educados sobre o pai deles, encararam a mãe com surpresa. Bill apenas franziu a testa em desaprovação.

— Ela foi embora quando cheguei. Eu disse que ficaria com eles até você chegar. Precisamos conversar — disse ele.

— Já disse tudo o que tenho para lhe dizer no escritório de Helen — respondeu ela, mantendo-se firme. — Preciso repetir?

— Maddie, por favor, não vamos fazer uma cena na frente das crianças.

Ela sabia que sua verdadeira preocupação não era sobre fazer uma cena, mas ter que enfrentar sua raiva justificada. Ainda assim, ele tinha razão. Tyler já parecia prestes a sair em defesa da mãe. Ele se sentia obrigado a fazer isso com frequência nos últimos tempos. O garoto vinha reprimindo os próprios sentimentos na tentativa de apoiá-la. Era um fardo grande demais para um rapaz de 16 anos que idolatrava seu pai.

— Tudo bem — concordou ela com frieza. — Tyler, Kyle, vão lá para cima terminar o dever de casa. Vou preparar o jantar assim que seu pai for embora.

— Já acabei o que tinha que fazer — disse Tyler, ficando onde estava e impondo uma postura desafiadora.

— Eu também — emendou Kyle.

Ela os encarou com uma expressão de advertência que fez os meninos se levantarem na mesma hora.

— Vou levar Katie — ofereceu-se Tyler, pegando a irmã adormecida no colo.

— Tchau, meninos — disse Bill, enquanto eles iam saindo.

— Tchau, pai — respondeu Kyle. Tyler não disse nada.

Bill ficou olhando enquanto eles andavam, sua expressão triste.

— Tyler ainda está irritado comigo, não está?

— Você pode culpá-lo? — perguntou ela, sem a menor paciência para a mágoa de Bill.

— Claro que não, ainda mais com você alimentando o ressentimento dele a cada oportunidade — respondeu ele.

— Eu não faço isso — disse Maddie com raiva. — Por mais que me doa, faço o possível para impedir que eles o odeiem ou vejam quanto você me magoou. Infelizmente, Ty e Kyle têm idade suficiente para tirarem suas próprias conclusões sobre o pai, sem precisarem comprar a minha história.

Bill recuou na mesma hora.

— Sinto muito. Tenho certeza que você tentou. É tudo muito frustrante. Os meninos e eu costumávamos ser tão próximos, mas agora Katie é a única que age como se nada tivesse mudado.

— Katie adora você — disse Maddie. — Ela tem 6 anos. Mesmo depois de todos esses meses, ela não entende que você nunca mais vai voltar. Os meninos sabem direitinho o que está acontecendo e que a vida deles nunca mais será a mesma. Katie só chora na hora de dormir, quando você não está aqui para ler uma história para ela e lhe dar um beijo de boa noite. Não há um dia em que ela não me pergunte o que ela fez de errado, como podemos consertar a situação e quando você volta de vez.

Ela pensou ter visto um vislumbre de culpa no rosto de Bill, mas depois a máscara educada que ela se acostumara a ver nos últimos tempos voltou a seu rosto. Ela tentou se lembrar da última vez que os olhos dele se iluminaram ao vê-la, a última vez que ele de fato a olhou nos olhos. Infelizmente, não se lembrava. Ela suspeitava de que fora muito antes de ele anunciar que a deixaria, talvez no início de seu caso com Noreen. Como ela não percebera uma mudança tão dramática?

— Pode se sentar, Maddie? — perguntou ele, irritado. — Não consigo conversar com você aí me cercando.

— Conversar sobre o quê? Não pode ser outra má notícia. Terminar nosso casamento e destruir nossa família já deve ter dado conta do recado, não?

— Sabe, Madelyn, o sarcasmo não combina com você.

— Ora, não enche o meu saco! — retrucou ela, culpando as margaritas pela língua solta. — O sarcasmo é tudo o que me restou.

Ele a encarou com desconfiança.

— Você não falava assim antigamente.

— Antigamente eu não tinha motivo — retrucou ela. — Pode dizer logo o que quer e dar o fora? Até onde sei, você não mora mais aqui, então eu gostaria que você me ligasse antes de aparecer de novo.

Bill exibiu um olhar derrotado e, por um instante, Maddie quase sentiu pena. Ele fizera sua escolha, estava conseguindo tudo o que queria, mas ainda assim não parecia feliz. Antes que pudesse se lembrar de como o amara antes, ela se endureceu e sentou na beirada de uma poltrona diante dele.

— Eu não queria que as coisas acabassem assim — disse ele, olhando-a diretamente pela primeira vez em semanas. — Não queria mesmo.

Maddie suspirou.

— Eu sei. Acontece.

— Se não fosse pelo bebê... — Sua voz sumiu.

A raiva de Maddie voltou.

— Não se atreva a dizer que ficaria comigo se Noreen não tivesse engravidado. É uma humilhação para ela e para mim.

Ele a encarou sem entender.

— Como? Eu só estou tentando ser honesto.

— Isso dá a entender que você está apenas com ela por causa do bebê e que acha que eu o aceitaria de volta depois que você me traiu, se não houvesse um bebê nessa história. Você teve um caso, Bill. Não sei se poderia ter perdoado isso.

— Talvez não de imediato, mas poderíamos ter tentado resolver as coisas e preservar nossa família.

— Sim — concordou ela, relutante. — Talvez a gente tivesse, mas agora não adianta chorar pelo leite derramado.

— Você poderia pelo menos me prometer que vai fazer o que puder para me ajudar a melhorar a situação com as crianças? Sinto falta dos meus filhos, Maddie. Pensei que depois de todos esses meses as coisas melhorariam, mas até agora nada. Não tenho mais ideias.

— O que você não tem é paciência — respondeu ela. — Você queria que tudo ficasse bem assim que saiu de casa, mas infelizmente o que os nossos filhos sentem não muda de uma hora para a outra. Eles estão magoados, zangados e confusos. Você terá que lutar para mudar isso. Não tenho uma varinha mágica que resolve tudo de uma vez. Já concordei em deixar você passar o tempo que quiser com eles. O que mais você quer de mim?

— Que você me defenda.

— Uma coisa é eu não falar mal de você para as crianças. Mas me recuso a ficar rasgando seda para o papai delas.

— Você sabia que Tyler se recusa a pôr os pés em minha nova casa enquanto Noreen estiver lá? O que eu posso fazer? Pedir para ela sair? É o apartamento dela.

— Ty não falou comigo sobre isso — disse ela, um pouquinho satisfeita por seu filho ter assumido aquela postura.

Ela sabia, porém, que ele e o pai precisariam fazer as pazes. Bill sempre fora uma figura presente na vida do filho mais velho. Apesar de sua agenda lotada, nunca havia perdido um jogo

do garoto, uma reunião de pais na escola ou qualquer outra atividade que fosse importante para Tyler. Dezesseis anos era a pior idade para um relacionamento assim ir por água abaixo.

— Eu vou falar com ele — prometeu ela, voltando atrás em sua recusa de defender Bill. Ela faria isso pelo bem de Ty. — Mas — lembrou ela — Tyler tem 16 anos e vontade própria. Não posso obrigá-lo a fazer nada. Você talvez tenha que dar tempo ao tempo, trabalhar um pouco mais para reconquistá-lo.

— Agradeço qualquer ajuda que você puder me dar. — Ele se levantou. — Bem, era isso que eu queria.

— Tudo bem.

— E também queria dizer mais uma vez quanto lamento por tudo.

Ela sentiu lágrimas surgirem nos olhos e piscou com força para impedir que caíssem. Apenas para o caso de alguma escapar, ela se virou.

— Eu também — disse ela.

Ficou esperando que ele fosse embora, mas não estava preparada para o toque rápido de seus lábios em sua bochecha antes que ele partisse.

Agora as lágrimas caíram de verdade.

— Maldito seja, Bill Townsend — murmurou ela, odiando ter sido afetada pelo beijo rápido e casual.

— Mãe?

Secando as lágrimas, ela olhou para Tyler, que a estudava com uma expressão preocupada.

— Eu estou bem — tranquilizou ela.

— Não está, não — disse ele, e acrescentou com raiva: — Odeio meu pai por ele ter feito isso com você. Ele é um hipócrita mentiroso. Todas aquelas conversas dele sobre como tratar alguém com quem você se importa eram da boca para fora.

— Ty, ele é seu pai. Você não o odeia. E ele estava falando sobre como as coisas deveriam ser. As pessoas que se importam umas com as outras devem ser gentis, solidárias e fiéis. Infelizmente, a vida nem sempre segue as regras.

— Você não pode me fazer amá-lo — disse ele, inflexível. — Ouvi o que ele pediu. Ele quer que você me convença de que ele não é um babaca.

— Ele te ama. Seu pai veio aqui hoje porque sente falta de ficar com você.

— Não fui eu quem foi embora — desabafou Tyler com amargura. — Foi ele. Por que eu deveria me esforçar para vê-lo, ainda mais quando *ela* está por perto o tempo todo?

Maddie se sentou no sofá e estendeu a mão.

— Venha aqui.

Ele hesitou, depois se aproximou e pegou desajeitadamente sua mão estendida.

— Sente-se aqui ao meu lado — pediu ela. Quando o filho se sentou, ela se virou e o olhou diretamente. — Ty, você já tem idade suficiente para entender que as coisas nem sempre dão certo entre os adultos só porque queremos. Não é culpa de ninguém.

— Você está me dizendo que o papai ter tido um caso e engravidado Noreen é tanto *sua* culpa quanto dele?

Os lábios dela se curvaram em um pequeno sorriso ao ouvir isso.

— Bem, não, não posso dizer isso, mas é claro que as coisas não estavam indo tão bem entre mim e seu pai, senão ele não teria ido atrás dela.

— Você sabia que as coisas não estavam indo bem?

— Não — respondeu ela com sinceridade. Em retrospectiva, os sinais estavam lá, tão pequenos que ela podia se perdoar por não ter visto. Mas na época ela achava que aquele

casamento era tão sólido quanto poderia ser.

— Então *foi sim* culpa dele — concluiu Tyler, demonstrando uma lealdade feroz a ela.

Por mais que quisesse concordar com o filho, Maddie estava determinada a ser justa.

— Passe algum tempo com ele, Ty, só vocês dois. Ouça a versão dele do que aconteceu — encorajou ela. — Vocês sempre foram tão próximos. Não perca isso.

— Ele vai dar um monte de desculpas. Não quero ouvir. — Ty a olhou com cautela. — Você vai me *obrigar* a passar tempo com ele?

— Não vou obrigar você a nada — disse ela. — Mas ficarei decepcionada se você também não fizer um esforço.

— Por quê? — perguntou ele, incrédulo. — Ele abandonou você, mãe. Abandonou a gente. Por que precisamos ser justos?

— Ele não abandonou você, Kyle e Katie — explicou ela, baixinho. — Ele não está se divorciando de você. Seu pai ama cada um de vocês.

— Cara, não entendo você — disse o filho com raiva, puxando a mão e se levantando. — Por que sou o único nesta casa que vê que o papai é um escroto?

— Tyler Townsend, não fale assim de seu pai! — ralhou ela.

Eles se encararam, até que o filho desviou o olhar.

— Que seja — murmurou ele, saindo da sala.

Maddie ficou olhando enquanto o filho ia embora, o coração dolorido.

— Maldito seja, Bill Townsend — disse ela, pela segunda vez na noite.

A antiga casa vitoriana na esquina da Avenida Principal e da Rua Palmetto ficava no limite oeste do centro de Serenity. Não que houvesse restado muito do centro, pensou Maddie, parada de pé na esquina com Helen e Dana Sue. A loja de ferragens ainda resistia, assim como a farmácia, com um balcão que servia refrigerantes e sorvetes à moda antiga, mas o mercado Willard's estava desocupado já fazia uma década, desde que uma enorme rede com produtos baratos abrisse a quarenta quilômetros nos arredores de Charleston. Logo ficou claro que os moradores prefeririam pegar a estrada atrás de promoções a pagar alguns centavos a mais para manter um comércio local de portas abertas.

A tinta branca da casa vitoriana estava descascando, as persianas estavam tortas e a varanda cedera. Ninguém aparava a grama havia séculos, e a cerca estava toda quebrada. Maddie lembrava vagamente do lugar na época em que a sra. Hartley ainda era viva. Na época, rosas amarelas cobriam a cerca branca, a varanda e a calçada eram varridas todos os dias, e as persianas verde-escuras eram impecáveis.

A sra. Hartley, que devia estar na casa dos 80 anos na época, sentava-se na varanda todas as tardes com uma jarra de chá gelado e recebia qualquer um que estivesse passando. Mais de uma vez Maddie brincou no balanço pendurado na varanda e comeu biscoitos de açúcar enquanto a avó visitava a mulher idosa. Vovó Vreeland e a sra. Hartley haviam testemunhado a maioria das mudanças em Serenity ao longo dos anos, e Maddie sabia que havia absorvido o amor delas pela cidade pequena, com seus habitantes amigáveis, velhas igrejas de tábuas brancas e campos verdes com o pequeno lago que abrigava uma família de cisnes. Os concertos gratuitos durante o verão no coreto à beira do lago atraíam todos os moradores da cidade nas noites de sábado.

Apesar do charme de Serenity, muitas pessoas da idade de Maddie estavam doidas para partirem dali, mas Maddie e Bill eram diferentes. Eles nunca quiseram morar em outro lugar.

Helen e Dana Sue também não. O ritmo mais tranquilo e a comunidade significavam muito para eles.

— Nossa, esse lugar me traz muitas lembranças — disse Maddie finalmente. — Que pena que nenhum dos filhos da sra. Hartley quis a propriedade ou se deu ao trabalho de cuidar dela.

— A perda deles é o nosso ganho — argumentou Helen rapidamente. — Podemos comprar agora por uma pechincha.

— Não me surpreende — disse Maddie. — Tem certeza de que é seguro entrar? Pode ser que esteja cheia de bichos.

Dana Sue cutucou-a nas costelas.

— Você acha que nós nos esquecemos do seu pavor de aranhas e cobras? Helen pediu à corretora de imóveis para limpar a casa na semana passada. Não há nada lá além do fantasma de sempre.

— Ah, me poupe — disse Maddie. — Que história é essa de fantasma? Ninguém morreu aqui.

— Mas não seria maravilhoso se houvesse um fantasma? — insistiu Dana Sue. — Pense só na publicidade. Os sulistas amam uma boa história de fantasma e adoram dizer que tem um fantasma morando no sótão da casa deles.

— Não sei bem se ter um fantasma seria o mais indicado para um centro de bem-estar — disse Helen. — E se o fantasma aparecer no espelho um dia? Podia causar um ataque cardíaco e destruir nossa reputação de templo fitness. Acho que nem eu conseguiria ganhar o processo nesse caso. — Ela olhou para Maddie. — Pronta para entrar?

— Claro. Por que não? — disse Maddie, ainda tentando entender o que as duas viam naquelas ruínas. Mesmo as lembranças mais antigas da casa não a ajudaram a imaginar o lugar como um spa próspero.

Porém, menos de dois minutos mais tarde, depois de entrarem na residência e caminharem no cômodo ensolarado com piso de carvalho antigo, seu coração começou a bater mais forte. Os cômodos do térreo eram enormes. As janelas estavam sujas, mas mesmo assim ainda deixavam entrar bastante luz. Com paredes pintadas de amarelo-claro e portas e janelas brancas, o spa seria alegre e acolhedor. Os pisos poderiam ficar novinhos em folha com uma lixa e uma ou duas camadas de poliuretano.

Quando chegou à sala de jantar, que ficava nos fundos da propriedade, Maddie percebeu que as portas francesas e as janelas compridas davam para um terreno arborizado atravessado por um pequeno riacho. Algumas esteiras viradas naquela direção dariam a ilusão de se estar caminhando ou correndo ao ar livre. Isso não traria às mulheres certa serenidade enquanto se exercitassem?

Dana Sue agarrou sua mão e a puxou para a cozinha.

— Você acredita nisso? — disse ela animada, gesticulando. — Os eletrodomésticos são antigos demais e os armários estão velhos, mas é enorme. Imagine o que poderíamos fazer aqui.

— Achei que a ideia fosse fazer as pessoas se esquecerem da comida, não alimentá-las — disse Maddie.

— Não, não, não — retrucou Dana Sue, como se estivesse lhe dando uma bronca. — É para dar a elas um lugar onde poderão fazer escolhas saudáveis. Poderíamos montar um balcão aqui e botar algumas mesinhas naquela área perto da porta ou até criar uma passagem para os fundos e botar algumas mesas do lado de fora.

— Você consegue cozinhar e servir a comida neste espaço? — perguntou Maddie.

— Não vou ficar cozinhando aqui, só durante as aulas. Vou trazer as saladas do meu restaurante. Podemos comprar uma geladeira industrial ou um daqueles mostruários. E podemos vender vitaminas e outras bebidas. Imagine só como seria divertido malhar com algumas amigas e depois ficar sentada curtindo o riacho, comendo uma salada Caesar com frango e tomando uma água mineral. A pessoa vai sair daqui se sentindo mil por cento melhor, mesmo que não perca um grama. E se nós oferecermos hidromassagem e massagens, então... — Ela suspirou, extasiada.

— Seria ótimo para alguém com a manhã ou a tarde toda livre, mas as pessoas que podem pagar por tudo isso estarão trabalhando, não? — perguntou Maddie, ainda no papel de advogada do diabo.

— Nós já pensamos nisso — disse Helen. — Poderíamos oferecer planos de meio-dia ou de um dia inteiro para mulheres que querem ser mimadas em uma ocasião especial. Mas também poderíamos oferecer aulas de meia hora e um almoço saudável para alguém que só tem uma hora de almoço no trabalho. E a casa tem tantos quartos que podemos até transformar um deles em um berçário e contratar uma babá para que as mães possam se exercitar em paz.

Maddie as olhou, surpresa. Estava começando a parecer que elas tinham uma solução para tudo.

— Vocês pensaram muito nisso tudo, não é?

Helen deu de ombros.

— O que você quer que eu diga? Odeio a academia de Dexter e preciso muito malhar. É melhor abrir um lugar onde eu me sinta confortável.

— Concordo — disse Dana Sue. — Se eu for uma das donas de um lugar como este, tenho que ficar em forma. Eu vou ficar feliz. Dr. Marshall vai ficar feliz. Até minha filha vai parar de comentar sobre os meus pneuzinhos.

— Você não tem pneuzinhos — disse Maddie, indignada. — Isso é ridículo!

— Perto da minha filha, sou uma obesa — insistiu Dana Sue. — Para falar a verdade, acho que Annie está exagerando na dieta, mas toda vez que tento falar com ela sobre o assunto ela surta. E não consigo fazer ela subir numa balança para provar que estou certa.

Helen a observou com preocupação.

— Você não acha que ela está anoréxica, acha? Muitas adolescentes sofrem disso, sabia?

— Morro de medo — admitiu Dana Sue. — Fico de olho para ver o que ela está comendo, e ela parece se alimentar bem. Talvez esteja queimando todas as calorias. Algumas pessoas são sortudas e têm um metabolismo acelerado.

Helen e Maddie se entreolharam, preocupadas.

— Dana Sue, não ignore isso — disse Maddie em tom gentil. — Pode ser perigoso.

— Você acha que eu não sei? — explodiu Dana Sue, o que mostrava quanto ela estava preocupada. — Eu também vi quando Megan Hartwell desmaiou no baile de formatura. Deus do céu, ela quase morreu.

Maddie parou de insistir. Nenhuma delas jamais se esqueceria daquela noite. Foi a primeira vez que viram o que um distúrbio alimentar poderia fazer com alguém da idade delas. Na época, ninguém nem *reconhecia* a existência desses transtornos. Antes do episódio, a obsessão de Megan Hartwell com dietas havia sido motivo de piada entre a turma. Se a filha de Dana Sue tivesse um problema, sem dúvida Dana Sue veria os sinais e lidaria com isso sem Maddie ou qualquer outra pessoa azucriná-la.

— Desculpe — disse Maddie.

Dana Sue a abraçou.

— Não, eu que peço desculpas por explodir com você.

— Ok, vamos tentar nos concentrar no lugar — disse Helen rapidamente. — Maddie, agora que você viu a casa, o que acha?

— Acho que é um plano muito ambicioso — respondeu ela, num tom cauteloso.

— Não para a gente — argumentou Dana Sue. — Nós podemos fazer qualquer coisa. Afinal, somos as Doces Magnólias. Todo mundo no ensino médio sabia que estávamos destinadas ao sucesso. Foi o que escreveram nos anuários.

— Também disseram que nós éramos as que mais tinham chance de arrumar confusão e acabar na cadeia — lembrou Maddie.

Helen sorriu.

— Ok, então foi empate. Mas nós fizemos tudo direitinho. E *somos* bem-sucedidas.

Dana Sue assentiu.

— Verdade.

— Vocês duas são — disse Maddie. — Helen não só se formou em direito como construiu um escritório incrível, famoso no estado inteiro. Dana Sue, você criou um restaurante tão bom quanto os de Charleston, o que quer dizer muita coisa. O que eu fiz?

— Você conseguiu fazer seu marido inútil estudar medicina, cuidou de sua casa e criou três filhos ótimos. Isso não é pouca coisa — disse Helen.

— Não sei — ponderou Maddie. — Seria um compromisso de longo prazo, e eu realmente tenho que dar atenção às crianças. Elas precisam de mim.

— A gente sabe disso. Provavelmente seremos mais compreensivas com as suas prioridades do que qualquer outro chefe — disse Dana Sue.

Maddie sabia que era verdade, mas ainda não estava pronta para aceitar a proposta. Tinha uma ressalva significativa que não podia mais ignorar.

— Eu morro de medo de fracassar e dar prejuízo para vocês — admitiu ela.

— Se não estou preocupada com isso, por que *você* está? — perguntou Helen.

Apesar da retaguarda oferecida pela amiga, Maddie não conseguia se livrar do estômago embrulhado que parecia lhe dizer que ela não estava à altura do empreendimento.

— Por que vocês duas estão com tanta pressa? — perguntou ela.

— Assinei um contrato de opção de compra da propriedade por trinta dias — contou Helen.

— Então me dê trinta dias para decidir — implorou Maddie.

— O que você vai saber em trinta dias que não sabe agora? — insistiu Dana Sue.

— Vou ter tempo de fazer projeções de custos, análises de mercado e dar uma olhada no que há em outras cidades da região — disse Maddie.

Helen sorriu de novo.

— Eu disse que ela ia se concentrar na parte sensata da coisa — concluiu ela para Dana Sue.

— Bem, é importante ter uma noção de tudo — replicou Maddie. — E também quero dar uma olhada no mercado de trabalho, ver se há algo que estou mais preparada para fazer.

— Aqui em Serenity? — debochou Helen.

— Tenho qualificações para vários tipos de trabalho — disse Maddie, embora sem muita convicção.

— Você tem — concordou Helen —, mas não é qualquer um que vai lhe oferecer uma parceria de negócio com base em seu currículo.

— Tenho que dar uma olhada — teimou Maddie. — Preciso ter certeza de que é a coisa certa para todas nós. Eu nunca me perdoaria se aceitasse e vocês tivessem um prejuízo gigantesco só porque fui incompetente ou não me preparei o bastante.

— Eu respeito isso — disse Helen. — De verdade.

Maddie a encarou.

— Mas...? Eu sei que tem um *mas* vindo aí.

— *Mas* você não se arrisca há mais de vinte anos e veja no que isso deu. Acho que é hora de parar de ser cautelosa e seguir sua intuição. Você costumava confiar nela.

— E aí? — insistiu Dana Sue. — O que sua intuição diz, Maddie?

Maddie deu um sorriso triste.

— Ele está dizendo que sim — admitiu ela.

— Bem, aleluia! — comemorou Dana Sue, entusiasmada.

Maddie balançou a cabeça.

— Não adianta se animar. Até onde sei, minha intuição não anda tão confiável assim. Até alguns meses atrás, eu achava que tinha um bom casamento.

— A culpa não é de sua intuição — disse Helen. — É de Bill, por ser um excelente mentiroso.

— Talvez, mas acho que ficarei mais confortável se fizer uma pesquisa antes de mergulhar de cabeça. Vamos, amigas, trinta dias. É pedir demais?

Suas amigas se entreolharam.

— Não é — admitiu Dana Sue com relutância.

— Aposto que ela vai se decidir em uma semana — disse Helen a Dana Sue.

Maddie franziu a testa.

— Por que tem tanta certeza assim?

— Olhei os classificados do jornal hoje de manhã — explicou Helen. — Vá por mim, você não vai achar nada melhor.

Quando Maddie fez menção de responder, Helen levantou a mão.

— Eu sei, eu sei. Você precisa ver com os próprios olhos. Entendi.

— Obrigada — disse Maddie.

— Só para garantir, acho que já vou dar entrada na papelada para abrir a sociedade — disse Helen.

— Se continuar tão presunçosa assim, vou dizer que não só para contrariar — ameaçou Maddie.

— Não vai nada — disse Helen com confiança. — Você é inteligente demais para fazer uma besteira dessas.

Maddie tentou se lembrar da última vez que alguém elogiara sua inteligência em vez de sua comida ou de sua habilidade como anfitriã. Talvez trabalhar com as duas melhores amigas fosse ser bom para ela. Mesmo que aquela ideia de centro de bem-estar desse errado, ela poderia elevar sua autoestima de uma maneira que não acontecia havia anos; sem falar que elas se divertiriam muito mais juntas do que nos últimos anos de seu casamento. Ela deveria dizer sim só por esses motivos.

Como ficou tentada a fazer exatamente aquilo, Maddie deu um rápido abraço em Helen e Dana Sue e foi em direção à porta.

— Eu ligo depois — prometeu.

E, ela jurou a si mesma, só faria isso ao fim do prazo de trinta dias.

CAPÍTULO TRÊS



Cal Maddox tinha 30 anos e era técnico de beisebol do ensino médio havia apenas dois, mas conhecia o esporte como poucos. Cal jogara cinco temporadas nas ligas menores e dois anos nas maiores até uma lesão o impedir de continuar como profissional. Ele fora obrigado a aceitar que passar mais alguns anos nas ligas menores tentando voltar ao que era antes seria em vão.

Compartilhar sua experiência e o amor que nutria pelo esporte com adolescentes que ainda tinham uma chance foi a única coisa que o atraiu durante aqueles meses frustrantes de reabilitação. Ele era grato a um homem em especial por tirá-lo de sua depressão inicial e fazê-lo perceber que havia possibilidades além de ser jogador profissional.

Hamilton Reynolds, presidente do conselho da Serenity School e grande fã do Atlanta Braves durante o breve período em que Cal fez parte do time, foi atrás dele no centro de reabilitação e mudou sua maneira de ver as coisas — e sua vida. Foi ele quem convenceu Cal a se mudar para Serenity.

Em todos os anos que esteve se preparando para entrar nas ligas maiores, ele nunca havia visto alguém com o talento natural de Tyler Townsend. O rapaz era o sonho de todo treinador; tirava nota boa, tinha um gênio fácil e se dedicava a treinar e aprender. Ele competira no campeonato estadual em seu segundo ano do ensino médio e tudo levava a crer que o mesmo aconteceria naquele ano, pelo menos até algumas semanas atrás. Agora, Cal pensou, o garoto estava indo ladeira abaixo.

O técnico estava chocado com os arremessos mornos de Ty. Os outros jogadores, que em geral tinham dificuldade de reagir aos lances rápidos do garoto, não paravam de rebater as bolas arremessadas por cima da cerca. O pior de tudo era que Ty nem sequer parecia frustrado com sua incapacidade de tirar os outros rapazes de jogo.

— Ok, já deu por hoje — disse Cal. — Quero que todo mundo dê uma volta no campo, correndo, depois podem ir para o vestiário. Ty, gostaria de falar com você em minha sala depois que você trocar de roupa.

Cal entrou na escola e ficou aguardando. Quase esperava que Tyler fosse embora sem falar com ele, mas vinte minutos depois o garoto apareceu na porta, com uma expressão sombria no rosto.

— Entre — disse Cal. — Feche a porta.

— Minha mãe vem me buscar em dez minutos — anunciou Tyler, mas desmoronou na cadeira em frente a Cal. Embora tivesse os braços e pernas compridos demais, como muitos garotos da idade dele, Ty não era desajeitado. Os ombros caídos no momento, porém, eram prova de seu péssimo humor dos últimos tempos.

— Acho que já vamos ter acabado em dez minutos — disse Cal, escondendo sua frustração. — Como você acha que se saiu hoje?

— Péssimo — respondeu Ty.

— E por você tudo bem?

Ty deu de ombros e evitou o olhar do técnico.

— Bem, para mim não está tudo bem. — As palavras de Cal não provocaram qualquer reação no garoto, o que significava que precisaria tomar medidas mais drásticas. — É o seguinte. Se quiser participar do nosso primeiro jogo daqui a duas semanas, terá que mostrar que merece. Caso contrário, colocarei Josh no seu lugar e você passará a temporada no banco.

Na expectativa de uma briga ou pelo menos alguma reação, Cal ficou decepcionado quando Ty apenas deu de ombros.

— Como quiser — disse Ty.

Cal franziu a testa diante da total falta de interesse.

— Não é o que eu quero — disse ele, impaciente. — O que quero é que você entre nos eixos e volte a arremessar como nós dois sabemos que você consegue. — Ele olhou para o garoto, preocupado de verdade. — O que está havendo com você, Ty? Seja o que for, sabe que pode falar comigo, certo?

— Aham.

Cal resolveu insistir, na esperança de entender o que estava incomodando o garoto.

— Os outros professores estão dizendo que você não está se concentrando nas aulas. Suas notas estão caindo. Você não era assim.

— Bem, talvez eu tenha mudado — disse Ty, amargo. — As pessoas mudam, porra. Do nada. Ele se levantou e saiu antes que Cal pudesse reagir.

Minha nossa, pensou Cal. Ele conseguiu o que queria — uma reação genuína —, mas a conversa não tinha sido muito esclarecedora. Ele não sabia que parte o deixara mais preocupado: o palavrão pouco característico ou a atitude. Cal já ouvira muitos palavrões no vestiário do ensino médio, mas nunca de Ty.

Ele tampouco vira tanta amargura e resignação de um garoto que poderia brilhar no mundo do beisebol profissional dali a alguns anos. Normalmente, Ty ouvia cada palavra que Cal dizia, determinado a absorver todo conhecimento que o técnico tinha para compartilhar. Sua animação e o comprometimento com o time faziam dele um modelo para os outros garotos.

Cal pegou uma pasta e anotou o telefone dos Townsends. Noventa por cento das vezes em que um garoto perdia o foco assim, algo estava acontecendo em casa ou o jovem começara a beber ou usar drogas. Cal se recusava a acreditar que um garoto tão inteligente quanto Tyler cairia na segunda opção; além disso, ele não via nenhum outro sinal de dependência química, o que deixou o técnico desconfiado de que devia ser algum problema na vida familiar mesmo.

Cal suspirou. Detestava ligar para os pais e se meter em problemas pessoais. Preferiria levar uma bola de beisebol na cara.

Maddie fora a três entrevistas de emprego naquele dia. Nenhuma tinha ido bem, o que praticamente provava que Helen tinha razão. Maddie estava fora do mercado de trabalho havia

tempo demais para que seu diploma ou sua experiência profissional valessem muito. Os empregos que tivera antes também não serviam de nada, ainda mais com a lacuna de quinze anos no currículo. *Ela* até podia achar que poderia ser uma boa contratação, mas ninguém concordaria, então tentou controlar suas expectativas.

Quando os recrutadores viam aquele longo período sem trabalhar, olhavam-na com uma expressão consternada. Todos faziam a mesma pergunta: “O que você ficou fazendo nesse tempo?”.

Cuidando da casa, dos filhos, resolvendo brigas e administrando as finanças de casa. Nem mesmo as horas não remuneradas que dedicou para pôr em ordem as finanças do consultório de Bill pareciam contar muito.

A única coisa mais desanimadora fora a própria falta de entusiasmo por qualquer um dos cargos a que estava se candidatando. Eram empregos burocráticos, iguais aos que ela tivera vinte anos atrás. Pareceu-lhe irônico que todos aqueles anos de experiência de vida agora a impedissem de estar qualificada para esse tipo de trabalho.

Ela ainda estava pensando nisso — e na alternativa que Helen e Dana Sue estavam lhe oferecendo — quando Ty abriu a porta do carro e entrou de cara amarrada, o que era cada vez mais frequente. A camiseta dele estava do avesso, mais um sinal de que o filho não estava bem. Desde que começara a se interessar por garotas, ele passara a se preocupar mais com sua aparência, mas agora o rapaz parecia desleixado. A julgar pela sujeira em seus braços e o cabelo loiro molhado de suor, ele nem parecia ter tomado banho depois do treino.

— Como foi o treino? — perguntou ela, no automático.

— Uma bosta.

— Está tendo problemas com sua bola rápida?

— Não quero falar sobre isso — disse ele, virando a cara para evitar o olhar surpreso de Maddie. — Vamos embora logo. Quero ir para casa.

Mantendo a calma, ela encarou o filho com uma expressão neutra. Ela deixaria para falar da falta de educação dele depois.

— Ty, o que houve? — perguntou ela baixinho.

O humor do filho só piorara desde a última visita de Bill. A conversa que tiveram na outra noite pelo visto não tinha adiantado de nada. Ele ainda estava com raiva e continuava sem falar com o pai. Na véspera, quando Bill veio buscar as crianças, Ty ficou trancado no quarto, recusando-se a vê-lo.

Maddie estivera contando, de certa maneira, com o início da temporada de beisebol para que a vida do filho voltasse um pouco à normalidade. Ele amava o esporte. Era bom jogador. Ty dizia que o que mais queria era jogar profissionalmente. Em geral, durante o período pré-temporada, ele não parava de falar no treinador Maddox. Claro, antes era o pai que estivera lá para ouvir.

Quando ele permaneceu em um silêncio teimoso, ela tentou outra vez.

— Ty, fale comigo. Não vou ligar o carro até você responder. O que houve com você?

— Por que todo mundo fica me perguntando isso? — explodiu ele. — Você sabe o que houve. Nós já conversamos mil vezes. Meu pai foi embora por causa de outra mulher. O que devo fazer, agora que descobri que ele é um babaca? A gente não pode deixar isso para lá? Não aguento mais falar sobre isso.

Maddie não podia culpá-lo por estar cansado do assunto, mas estava claro que ele ainda precisava conversar. Se não com ela, então com um profissional. Ele precisava encontrar uma

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "(Doces Magnólias #1) Linda Conquista" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).